

Euclides da Fonseca

# OKWAMI

*A negociação do mal*



# OKWAMI

*A negociação do mal*

Título: **OKWAMI: A negociação do mal**

Autor: **Euclides da Fonseca**

Diagramação e paginação: **Euclides da Fonseca**

1ª Edição Março, 2025

ISBN: 978-989-33-7506-8

---

Copyright © 2025

**Euclides da Fonseca | OKWAMI: A negociação do mal**

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou utilizada sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do autor. Qualquer uso indevido deste conteúdo é passível de responsabilização civil e criminal, segundo a Lei dos Direitos de Autor e Conexos.

À ti, leitor que cruzas essas páginas  
Como quem atravessa um espelho.

*“Em cada conto existe  
um fragmento da verdade,  
mascarada por palavras  
e personagens imaginários. ”*

— Se falhar na primeira, esquece o resto do dinheiro, —  
ele disse.

— Acho melhor abaixar essa arma.

— Que tal baixar o tom de voz primeiro? — Sugere ele  
apontando uma arma na minha cabeça.

Nos olhamos por alguns minutos.

De seguida, ordenou que trouxessem a maleta onde  
estavam seus pertences.

Inclinei-me, vi seus homens subindo as escadas. Mudei de posição e dei um passo à lateral esquerda.

Um deles chegou mais perto.

Fiquei pálido.

Enquanto Sidney apoiava a maleta no resguardo à borda do estacionamento meu olhar caiu sobre uma pen drive que estava fixo em uma fita cinzenta cujo formato lembrava-me a mesma pen drive que foi usado para guardar as combinações de segurança do cofre da organização.

— Tudo pronto, — disse um homem atrás de mim.

Sidney entrou na carrinha, e fez-me um sinal para entrar a seguir.

— Quando começo? — Perguntei.

— Hoje a noite.

— Pelo menos me dê dois dias para isso.

— Coragem, — ele disse.

— Preciso de mais tempo.

Sidney olhou-me bem firme nos olhos. E de seguida entrega-me um envelope.

— Não temos muito tempo. Só preciso que tragas o que eles têm de especial.

— Mas...

— Sem negociação.

\*

Duas horas mais tarde, mal cheguei em casa. Uma camionete azul escura estaciona à minha frente.

Larguei a maçaneta, olhei fixamente para a mulher no controle da camionete, e depois para a parte do espaço que parece formar uma abóbada em cima de nossas cabeças depois que senti uma dor nos olhos.

— Kátia! O que lhe trás aqui? — Murmurei.

— Estou sabendo que tens nova tarefa operacional. Vai me deixar de fora?

— Então, é só isso que te preocupa?

— Somos uma equipe.

— Éramos...

— Você escuta o que fala?

— Parece que não, — declarei.

Ela observou-me com atenção.

Ambos ficamos em silêncio.

Ela voltou a olhar para mim. Eu penso em deixá-la de fora dos meus planos, mas o melhor será levá-la comigo para esta nova missão. Suas habilidades me colocam em segurança.

Em poucos minutos ela contou-me o que passou durante o período que estava ausente; contou-me sobre seu estado de saúde, sua situação financeira, e contou-me também que tinha problemas com a polícia.

Reunimos dentro da minha casa, na parte superior da sala de jantar. Num jeito cerimonioso, dei-lhe uma taça de Groot Constantia para matar saudades do tempo que passamos pela região vinícola da África do Sul.

Pausei a minha taça na mesa, e tirei os óculos escuros para enxergar a tela do computador onde observávamos a representação gráfica da projecção horizontal do edifício.

— Eles têm homens por todo canto, — ela disse.

— E se entrarmos por aqui?

— O edifício tem um sistema de vigilância de alta tecnologia.

Kátia respirou fundo, esperou em silêncio e deu-me uma outra sugestão.

De seguida, ela atravessou o corredor principal da casa e parou na porta do banheiro. Levou alguns minutos para entrar, anunciei que não tínhamos muito tempo.

Tão logo percebi seus passos atrás de mim, pressionei com rapidez o teclado para bloquear o ecrã do telefone.

— Você já fez o que queria?

Ela estava desconfiada.

— Arrume a pasta, e pegue o carro. — Falei.

Ela me encarou por alguns segundos sem mover os pelos que recobrem a pálpebra.

— Você pode fazer o que eu pedi, por favor?

— Quer parar de me dar ordem? E começar a trabalhar como nos velhos tempos.

Enchi-me de rugas na testa.

Ela encarou-me outra vez com tranquilidade.

Inclinei-me o suficiente para frente, afastei o sofá e procurei com pressa várias vezes o que eu já havia colocado em segurança na parte traseira do meu guarda roupa.

Avancei a caminhada até a garagem, e em meio à escuridão derrubei um monte de recipientes usados para o transporte de mercadorias. O som de coisas se quebrando prolongou-se por alguns minutos até eu impedir com a parte lenhosa de uma árvore que andava guardada na garagem.

Kátia olhou o relógio duas vezes.

Estávamos quase três horas do horário marcado. Liguei para o Sidney e perguntei se estava tudo em ordem.

— Há alguém que vai facilitar o teu acesso. Só não se atrase, — ele disse.

Desligou depois da última palavra.

— Desgraçado.

Peguei um cigarro e fumei sem parar.

— Dê-me a chave por favor.

— Ó Santo Deus! — falei em voz baixa.

Kátia se afastou de mim e entrou no carro sem demora.

Baloicei a cabeça e fui a seguir.

Ao longo de todo caminho me senti ofegante.

Não fiquei surpreso ao ver Kátia me olhando como se eu fosse alguém tão problemático.

Murmurei alguma coisa.

— O que foi?

— Veja o que tem aqui, — mostrei para ela.

Ela sorriu.

— Você já fez terapia antes?

Neguei com a cabeça.

— Me avisa se precisares.

— Por que eu faria isso?

O silêncio durou alguns segundos.

— Esqueceu que teve antidoping positivo para anfetamina, — Disse, enquanto olhava-me insistentemente.

Senti o peso do olhar de Kátia sobre mim.

Viajei por um segundo enquanto segurava uma pilha de plantas do edifício.

— Essas palavras ajudam? — perguntei.

— Talvez não, — ela disse virando a cabeça para o outro lado.

— Como você pode?

— Eu observei você.

— Costuma examinar as pessoas com o olhar?

— Não.

— Então...

Ela não respondeu.

— Você não vai falar.

— Zona leste da cidade, galeria desportiva. Sala 47...

— O que você quer dizer com isso?

— Talvez seja bom visitar na próxima segunda-feira.

Respirei fundo.

— Me dê um bom motivo para eu concordar com isso.

Ela levantou impaciente.

A mão dela tocou a minha, e olhou-me com desídia antes de sair do carro.

Aquele olhar tomou posse de mim. E meio minuto depois comecei a rabiscar o endereço nas bordas de uma folha de papel, tremendo.

Fiquei observando a loja enquanto ouvia Smells Like Teen Spirit dos Nirvana. A porta da viatura estava entreaberta, a luz do painel de publicidade estendia-se sobre o meu braço esquerdo. Olhei em volta e vi dois homens responsáveis pela guarda e protecção da loja vindo em minha direcção: um maior que eu com quase dois e três metros de altura, parou em frente de um Volkswagen Polo 1.6 cinzento enquanto o outro ia se aproximando vagarosamente.

— Vai ter que remover a viatura, e ocupar a vaga dos fundos — ele disse.

— Sério? — Perguntei surpreso.

O silêncio se instalou tornando o clima menos agradável.

Respirei para me acalmar.

\*

De seguida, pegamos novamente a estrada e fomos andando tão depressa. Paramos em um lugar deserto, numa distância de quase um quilómetro. O homem de Sidney que

facilitaria o meu acesso encontrava-se atrasado. Demorou vinte minutos para começarmos a rever os nossos planos.

— O que vamos fazer? Não podemos arriscar as nossas vidas entrando pela frente, — disse Kátia.

Olhei para ela enquanto fumava outro cigarro.

— Cuida dos segurança que eu vou na frente.

— Vai precisar de uma arma?

— Só cuida deles por agora, e toma cuidado ao entrar quando eles chegarem.

Kátia balançou a cabeça.

Respirei fundo.

Examinei com os olhos todo canto do edifício e avancei andando pelo caminho que dá acesso a entrada dos fundos.

Li atentamente um anúncio fixado na parede.

No momento em que me aproximei da entrada, uma voz amena na minha cabeça me fez parar por alguns segundos. Tirei a mão da maçaneta, desviei o meu olhar da porta. Um grito no fundo atingiu meus ouvidos... Inquieto, imagino os segurança na minha frente.

A porta se abriu, afastei assustado e um dos segurança passou por mim com pressa ignorando a minha presença. Entrei olhando para as placas de identificação tentando achar uma saída.

Me apressei subindo as escadas junto de um casal que fazia fotos em quadros e esculturas do século passado.

Toquei sem querer um aparelho fixado na parede que emitiu um som agudo... Olho para o homem atrás de mim, vejo ele a dar uma risada. O aparelho ficou repetindo o som a cada seis segundos. — Que merda, — digo.

Em algum momento reconheço dois homens e vejo seus uniformes com uma escrita diferente dos demais seguranças que lá estavam. Eles ficaram se olhando por quase quatro minutos, e de seguida caminharam pelos fundos no meio da multidão. Precisei de alguns segundos para me juntar na multidão e entrar discretamente na sala de controle. Uma câmera de segurança no alto do canto superior direito capta meu movimento ao entrar na sala pela passagem A-3 que fica abaixo do auditório principal onde estava decorrer uma simulação teatral.

Fiquei em silêncio por alguns segundos respirando com dificuldade. Estava escuro do lado de dentro da sala. Me aproximei lentamente e acessei um computador para invadir o sistema de vigilância e alterar as imagens captadas há minutos. Mas antes de conseguir alterar, encontrei um monte de arquivos. Mergulhei em cada um deles até ver um nome que me fez lembrar de um colega de natação que foi condecorado como melhor aluno da Academia do Estado Maior General das Forças Armadas, na Especialidade de Segurança Nacional e Defesa de Estado enquanto eu cursava o Ensino Superior no setor da

Defesa, Segurança e Ordem Interna. Me distraí transferindo aquele arquivo em um pendrive... Olhei à minha volta e vejo uma luz verde. Me dirigi com calma dando passos lentos em direção a luz na porta tentando alcançar a fechadura, bem no fundo ouço um barulho.

Peguei a arma, fiz uma pausa de dois segundos. — Merda, — murmurei quando vi uma ratazana presa se afogando no seu próprio sangue em uma tubagem coberta com pedaços de pano. Como sempre, os chefões tomaram o espaço VIP depois de chegarem meio minuto antes da hora combinada para negociação. Sentaram-se em círculo e dividiram o grupo em dois.

Um homem alto de camisa azul marinho dirigiu-se no meio com uma maleta cabedal confeccionado artesanalmente para dirigir a negociação.

No meio de uma conversa privada, Kátia passou por trás deles e aproximou-se secretamente vestida de garçom. Ela se concentrou e afastou um pouco da mesa depois de deixar as bebidas. Saiu andando até ao corredor e ficou ouvindo tudo.

Carlos, um homem de poder e influência, estendeu a mão esquerda para receber a maleta, de seguida três dos seus homens se aproximaram. Kátia sentiu uma pressão imensa, respirou fundo, de forma controlada.

Eu tive cuidado para não me machucar em uma barra de metal quebrado enquanto me aproximava.

Me coloquei diante de duas damas em uma mesa com três lugares vagos, uma delas cuja especialidade é lidar com tratamentos cosméticos que aprimorem a aparência das pessoas pediu para que eu me sentasse e serviu-me uma taça de vinho. Me surpreendi com a forma como ela me olhou ao entregar-me a taça, mas eu tive que ignorar o gesto e me manter concentrado no que Kátia estava prestes a fazer.

Posicionei-me de forma errada umas cinco vezes para observar o espaço VIP. Pressionei o dedo polegar duas vezes no joelho direito e me afastei novamente para ver a posição dos seguranças na parte inferior da sala. De seguida me viro, e olho para a porta onde Kátia jogou um pedaço de papel azul oceano antes de entrar na sala. Me ausentei da mesa e peguei de imediato um molho de chaves que estava centrado em uma mesa de mármore.

Bem nesse momento um homem levanta e vai conferir de onde vinha o ruído que por alguns instantes interferiu a negociação. Segundos depois o que ele vê é um cachorrinho de cor castanho escuro amassando uma bola de borracha.

Coloquei a chave na fechadura enquanto os convidados que se encontravam no bar do casino apreciavam com atenção as vozes de Tim Maia saindo de uma coluna de som conectada em um aparelho de estilo militar. Naquele momento, eu estava atentamente pressionando a chave para abrir aquela porta.

E quando entrei, decidir examinar primeiro as caixas que estavam arrumadas no centro. Em seguida verifiquei um líquido escorrendo pelo chão — Merda, — falei.

Minutos depois ouço uma voz atrás de mim.

— O que fez você não continuar lá com a gente? Posso saber? — Perguntou a mulher que convidou-me para se juntar a ela.

— Sem perguntas!

— Mas... Me dê uma explicação, — ela disse enquanto eu estava tentando achar alguma coisa naquelas caixas.

Ela olhou para mim e ao marcar um passo em direção à porta, ela quebrou a garrafa que tinha nas mãos, o som da garrafa fez um eco pela sala despertando a atenção dos seguranças.

Me virei e vi Kátia fazendo gestos para eu me abaixar depois que um homem começou atira na minha direção.

— Noah! Noah... — ela gritava em cada gesto.

Me aproximei lentamente da mulher ao pé de mim e disse, — Escute bem: se quiser sair viva daqui vai ter que seguir as minhas instruções, entendeu? E sem perguntas, por favor.

A mulher na minha frente abaixou assustada depois de dois disparos seguidos.

— Afinal quem és tu? — Ela perguntou.

—Sem perguntas.

Me encolhi no canto da porta quando o homem fez o outro disparo.

Felizmente, antes que ele fizesse mais disparos, houve corte de energia elétrica em todo edifício. A multidão no interior do casino dirigia-se em direção a porta que dava acesso ao estacionamento.

A confusão se espalhou.

Em seguida, a mulher ao meu lado segurou a minha mão, tremendo depois que ouviu a distância o som das armas sendo engatilhadas.

Sem pensar duas vezes, afastei os pés tocando em um objeto de metal.

Kátia correu fazendo movimentos mais rápido do que pensava depois que o um homem armado disparou em sua direção, mas a bala passou a centímetros e cravou na parede.

Olhei ao redor à procura de uma saída.

Me ajeitei. Numa distância de quase cinco metros, visualizei a postura do atirador, segurei a arma e apertei o gatilho.

O som do disparo se perdeu abafado pelo grito da multidão. A bala atingiu o alvo em sua perna e perfurou a artéria femoral.

A maleta estava lá, jogada no banco. Dentro dela, duas minúsculas ogivas nucleares.

Dei uma olhada rápida, vi uma passagem livre no fundo do corredor. Me aproximei vagarosamente. O som das armas e dos homens me fizeram avançar.

Kátia correu em minha direção. Ofegante, tentou manter a respiração enquanto suas mãos não paravam de tremer.

— Precisamos sair daqui agora.

— Temos que virar à esquerda, a rua à frente nos dará alguma vantagem. — disse ela suando frio.

— Só espero que isso realmente funcione. Porque não falta muito para chegarem até nós, — falei tentando se acalmar enquanto olhava para trás.

Sáímos andando em direção ao estaleiro abandonada no fim da rua. Notei no meu lado esquerdo algumas pessoas carregando bagagens e outras torcendo a favor de uma mulher que demonstrava o seu talento em uma roda de break dance. Fizemos uma pausa momentânea de quase cinco minutos.

De repente, vi um homem com seu rifle repousando cuidadosamente sobre o telhado com a mira bem ajustada na cabeça de Kátia. Me esforcei para afasta-lá. O som do disparo cortou o silêncio, ela sentiu algo frio que atingiu o seu peito como se uma onda de choque invadissem imediatamente seu corpo, não houve gritos. Com um suspiro, ela olhou para baixo. Sentiu uma dor impossível de ignorar. Um som imperceptível ao ouvido saiu de sua boca. Num momento muto breve, paralisou o batimento cardíaco. Toquei seu pulso, verifiquei a respiração. Em silêncio

absoluto, a aceitação de que ela estava sem sinais vitais. A morte já lhe tinha expropriar a alma do seu corpo.